

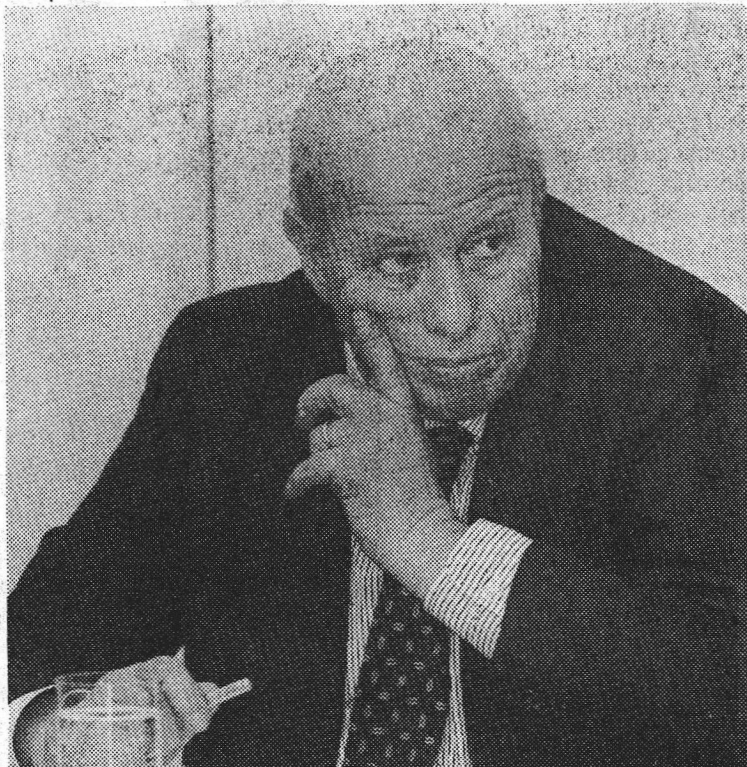
# Juros altos dão aval a alta de preços

Na semana passada, o mercado financeiro experimentou um clima de sinistro. O temor era de que a quebra de pequenos bancos — desde a edição do Plano Real sete já foram liquidados — afetasse o sistema. O tema acabou sendo discutido no debate e o professor Dionísio Dias Carneiro deu o tom à conversa, pondo mais lenha na fogueira: a inflação neste fim de ano é maior do que a prevista há quatro meses, e a atuação do Banco Central, em sua política de juros, sanciona os preços elevados. Quer dizer, o BC, ao subir os juros, não freia a inflação.

“Isso é grave porque o processo de remonetização (mais dinheiro na economia), que seria uma das coisas que poderia até devolver ao BC a capacidade de fazer política monetária, foi interrompido”, diz. Essa interrupção ficou por conta especialmente dos 100% do compulsório sobre os depósitos à vista, de 30% sobre os depósitos a prazo e finalmente os 15% em cima das operações de crédito.

“Você só prende a respiração por um minuto, enquanto mergulha. Se prender por dois dias, morre”, diz o economista. Na prática, este aperto, que deve provocar a quebra de mais instituições nas próximas semanas, vai influenciar toda a economia. O problema todo é o governo, em janeiro, diante do arrocho, recuar drasticamente e injetar moeda. “Que Deus nos livre deste cenário!”

Se os bancos privados acabam pagando a conta — afinal é inevitável que a queda da inflação reduza



Adriana Lorete

“Nunca vi papel emitido não ir para o público ou o caixa dos bancos. A alternativa seria a lata do lixo, o que não acontece.”

Mário Henrique Simonsen

com vigor o sistema financeiro —, o mesmo não se pode dizer das instituições oficiais, sempre socorridas pelo governo. Dionísio Carneiro diz que os bancos estaduais não serão um problema nos próximos dois anos.

**Rogério** — “Deus te ouça.”

**Dionísio** — “Vão ajeitar de alguma forma, ainda que com um certo custo no início.”

**Simonsen** — “Já houve a federalização. Quem dá dinheiro para os bancos estaduais no overnight é o Banco do Brasil.”

**Rogério** — “A solução adotada

foi boa, mas isso vai incomodar de novo.”

**Simonsen** — “Eu acho que os bancos estaduais são um elemento de barganha muito forte do governo federal em relação aos estados. Aqui, com toda essa nossa discussão, houve um certo pessimismo quanto à falta de planos do próximo governo. Nada tem vindo muito a público. Mas eu imagino que esses planos estejam sendo feitos, embora não sejam divulgados para evitar chiquetes do atual presidente, que pode se sentir seriamente melindrados com eles.”

**Rogério** — “Tá boa a explicação.” (risos).

Toda essa instabilidade no mercado mostra, na verdade, que o Banco Central tem problemas na condução do Plano Real. Com a palavra, Simonsen:

“A cada renovação da medida provisória (que criou o real), renovava-se também a meta da base monetária.”

**Rogério** — “A MP é confortável realmente. Qualquer tipo de meta pode ser regulado por ela.”

**Simonsen** — “E ela é passível de revisão. Pode ser até que seja verdade que o povo esteja demandando moeda além do cientificamente esperado. Pode ser verdade, mas não explica absolutamente nada. Eu nunca vi um papel emitido não ir parar no público ou no caixa dos bancos. A alternativa seria a lata do lixo — o que não aconteceu ainda” (risos).

**Câmbio** — Além da moeda, o câmbio, a grande âncora do Real, ocupou parte dos debates. A valorização da moeda em relação ao dólar, que assusta os exportadores, é em parte justificada, segundo Simonsen, pela incapacidade do país em absorver capitais externos, no passado. Entre 1984 a 1993, a média do saldo em conta corrente inclui exportações, importações, remessa de juros e lucros — sempre foi zero. A partir de 1991, começou a enxurrada de dólares.

Por essa razão, o ex-ministro acha até razoável ter um déficit de 2% do PIB em conta corrente, algo como US\$ 10 bilhões. Quer dizer, o aumento das importações — que abriria um buraco — seria compensado, em boa parte, pela entrada de dólares. “Mas algo como 5% do PIB seria demais.” No seu raciocínio, não resta, portanto, muita alternativa ao Banco Central. Ele faz apenas duas sugestões: engrossar as restrições ao capital externo e liberar as saídas de dinheiro.